

ANTROPOLOGIA: RELIGIÕES E VALORES CRISTÃOS

Coleção ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS

- *Dizer homem hoje: Novos caminhos da antropologia filosófica*, Nunzio Galantino
- *Antropologia e horizontes do sagrado*, Aldo Natale Terrin
- *O bode expiatório*, René Girard
- *O rito: Antropologia e fenomenologia da ritualidade*, Aldo Natale Terrin
- *O sacrifício*, Cristiano Grottanelli
- *A mentalidade primitiva*, Lucien Lévy-Bruhl
- *Prelúdio à história das religiões*, Momolina Marconi
- *A rota antiga dos homens perversos*, René Girard
- *Repensar a igualdade de oportunidades*, Patrick Savidan
- *O labirinto sagrado: ensaios sobre religião, psique e cultura*, Marcial Maçaneiro
- *Antropologia teológica*, Urbano Zilles
- *Antropologia: religiões e valores cristãos*, Lino Rampazzo

LINO RAMPAZZO

ANTROPOLOGIA:
RELIGIÕES E VALORES
CRISTÃOS



PAULUS

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Revisão: *Tarsila Doná*
Iorlando Rodrigues Fernandes
Ivanildo Bezerra Lopes
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rampazzo, Lino
Antropologia: religiões e valores cristãos / Lino Rampazzo. — São Paulo: Paulus, 2014. — (Coleção Estudos antropológicos)

Bibliografia.
ISBN 978-85-349-3963-8

1. Antropologia filosófica 2. Humanidade 3. Religião 4. Valores (Ética) I. Título. II. Série.

14-03922

CDD-128

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia filosófica 128

1ª edição, 2014

© PAULUS – 2014
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-3963-8

DEDICATÓRIA

À minha mulher, Suely Aparecida.
Aos meus filhos, Sarah Ruth, Paolo Gennaro e Simon Pedro.

APRESENTAÇÃO

A necessidade da redescoberta e valorização do *ser* (antropologia), do *crer* (religião) e do *agir* (ética) constitui o objetivo desta publicação.

A abordagem antropológica, depois de uma reflexão sobre os vários níveis de conhecimento, apresenta as diferentes manifestações do ser humano (corpo, conhecimento, vontade, linguagem, vida em sociedade, cultura, trabalho, divertimento, religião) e a problemática do seu “ser”, sua “autotranscendência” e sua dignidade de “pessoa”.

A reflexão sobre religião, depois de uma breve análise sobre o sagrado, indica os elementos fundamentais de seis sistemas religiosos particularmente significativos: hinduísmo, budismo, religião de Israel, cristianismo, islamismo e ritos afro-brasileiros. Além disso, reflete sobre o interesse místico-religioso do homem pós-moderno.

Por fim, aos homens de hoje que procuram uma civilização alternativa é apresentada a proposta de alguns valores éticos: a bioética, o valor da sexualidade e da família, a ética na vida socioeconômica e na comunicação.

Esta obra destina-se, particularmente, aos estudantes das universidades católicas como subsídio para as disciplinas de cultura religiosa e ética.

INTRODUÇÃO

Diálogo, interdisciplinaridade, integração: esses termos, nos dias de hoje, são usados com muita frequência para indicar o método com o qual se quer caracterizar a abordagem do saber.

Galileu, no século XVII, teve o mérito de tornar-se o pai da ciência moderna, determinando o objeto específico da investigação e o método pelo qual se atingia esse tipo de conhecimento. Mas a ciência moderna, com seu método, reduzia o campo de análise do saber, limitando-se aos dados próximos, imediatos, perceptíveis pelos sentidos ou por instrumentos: quer dizer, os dados de ordem material e física. Além disso, esta “ciência” fazia nascer muitas “ciências”, com campos de especialização sempre mais delimitados e uma consequente fragmentação do conhecimento. Hoje é muito difícil contar o número de especializações criadas pela ciência moderna.

Se tudo isso, sem dúvida, foi uma riqueza para a humanidade e produziu o avanço científico e tecnológico, por outro lado, criou um cientista preso no seu campo de conhecimento, possuidor de um saber parcial, desarticulado e incompleto.

Hoje estamos numa fase de reconsideração do caminho da ciência. A “virada” apenas aconteceu quando o homem procurou refletir não sobre as “leis da natureza”, mas sobre si mesmo, questionando o rumo da ciência, que acabava “destruindo o homem” quando não estava a serviço dele. A tristíssima experiência de duas guerras mun-

diais no século XX, a idolatria da máquina que degenera o homem e estraga o mundo e as desigualdades socioeconômicas existentes entre o Norte e o Sul do planeta questionaram profundamente o caminho da ciência. “Vejo construir-se um mundo do qual, ai de mim, não é exagero afirmar que o homem não pode viver nele”, dizia Bernanos (1972, p. 126).

A “reconstrução” do mundo passa, obrigatoriamente, por uma nova concepção do homem que aceita apenas uma civilização a serviço do homem e nunca contra ele. Nesta nova visão, o homem-cientista descobre o seu semelhante e começa a dialogar com ele, cada vez mais convencido de que ninguém tem o monopólio da verdade e de que se torna necessário construir uma “nova humanidade”, na qual os homens falam entre si e convivem de maneira autenticamente civilizada e solidária. Assim, as ciências começam a dialogar entre si: nasce a interdisciplinaridade e o diálogo. A ciência dialoga com a filosofia e vice-versa. Se, por um lado, Galileu tinha sido condenado pelas autoridades eclesiásticas do século XVII, por outro lado, uma parte do mundo científico e filosófico tinha considerado “supérflua, infantil e até alienante” a experiência religiosa. Agora, porém, percebe-se um interesse recíproco, uma tentativa de reconstruir uma “unidade destruída”: até o saber popular, artístico e mítico recebe uma atenção diferente.

Nessa volta à “unidade do saber”, há a preocupação de receber contribuições de todo tipo de análise da realidade, seja por parte do saber popular, seja do filosófico, teológico, estético, mítico etc. E a análise da realidade é acompanhada pela humilde convicção de que nunca sabemos tudo: nosso atual conhecimento se realiza “como num espelho, confusamente” (cf. 1 Coríntios 13,12).

Mas qual é o objetivo do “conhecer”, do “saber”?

É o bem do homem. Por isso, o conhecimento deve ser “humano” em todos os sentidos: é um produto do homem, a serviço do homem — do homem todo, em todas as suas dimensões, e de todos os homens, sem qualquer tipo de discriminação.

Nesse contexto, é interessante descobrir o significado do termo *universidade*, refletir sobre os objetivos da universidade, em geral, e da universidade católica, em particular.

Na organização gremial da Idade Média, o termo *universitas* (= universidade) indicava uma “classe social”, ou uma “profissão”. Então, no campo educacional, surgiu a *universitas magistrorum et scholarium*, ou seja, uma corporação de mestres e alunos (cf. carta do Papa Alexandre IV à Universidade de Paris, 14 de abril de 1255, *apud* JOÃO PAULO II, 1990, p. 5).

As novas instituições pedagógicas de nível superior que se desenvolveram a partir do século XII receberam, inicialmente, o nome de *studium generale* (= estudo geral) não porque incluíssem todos os ramos do saber, mas porque, à diferença dos “estudos locais”, eram dirigidas a todos os estudantes, sem distinção de raça e nacionalidade.

Com o tempo, o nome *studium generale* foi designado para indicar o conjunto das ciências, o estudo geral ou universal, no sentido de que era aberto a todo tipo de conhecimento. Só mais tarde, no final do século XIV, o nome *studium generale* foi substituído por *universitas*. Então, desde o século XIV, o termo *universitas* (= universidade) passou a indicar a instituição que se consagrava ao serviço de *tudo* o saber, nos seus diferentes campos e métodos de análise. Não existe, pois, nenhum campo do “ser” que não possa e não deva ser explorado (LARROYO, 1974).

Aos poucos, então, foi-se definindo o objetivo da universidade, que pode ser indicado da seguinte maneira: tornar-se “um centro de criatividade e de irradiação do saber para o bem da sociedade” (JOÃO PAULO II, 1990, p. 5).

Para conseguir tal objetivo, a universidade se consagra à investigação (= pesquisa), ao ensino e formação dos estudantes (= ensino) e a diversos serviços prestados à comunidade (= extensão). Como se vê, trata-se das três funções básicas da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Aliás, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 faz referência explícita a esses três objetivos: “As universidades... obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Art. 207).

E como nasceram as universidades católicas?

O contato do cristianismo com o mundo da cultura sempre suscitou na Igreja o problema de integrar ciência e fé. Por isso, desde

as origens, a Igreja foi promotora do saber, das ciências, das artes, da cultura. Já no século II d.C. apareceram sob o seu impulso centros de cultura cristã, os chamados *didascalia*, entre os quais sobressaíram os de Alexandria, no Egito, de Esmirna e de Edessa, na Ásia Menor, e de Roma.

Um momento importante na história da cultura universal — sem falar da contribuição dada pelas abadias beneditinas na Idade Média — foi a fundação, a partir do século XII, das universidades de Bolonha, Pádua, Paris, Oxford, Salamanca etc., promovida pela Igreja.

Com a presença marcante da Igreja na atividade educacional nos séculos XII-XIV, é normal que as universidades tenham procurado uma integração, no saber, entre a ciência e a fé. Por isso, nesse período, a universidade plenamente integrada compreendia quatro faculdades: teologia, direito, medicina e artes.

As épocas da Renascença e do Iluminismo marcam a crise desse modelo: o famoso *Institut Catholique* de Paris lembra, pelo termo, o fato de que, por muito tempo, na França uma instituição católica não podia receber o título de “universidade”.

Assim, quando os Estados tomaram como sua a missão de fundar universidades, a Igreja continuou promovendo a ciência e a cultura em centros acadêmicos próprios.

Historicamente, a primeira universidade católica foi fundada em Lovaina, na Bélgica, em 1834. Tratou-se de uma bela iniciativa, cheia de fé e audácia: um modelo para fundações posteriores. A partir de então, sucederam-se outras fundações que, no século XX, tornaram-se cada vez mais numerosas.

O diário católico italiano *Avvenire* publicou, no dia 20 de novembro de 2011, um artigo do jornalista Andrea Galli, apresentando números significativos a respeito das universidades católicas no mundo de hoje.

Atualmente, existem no mundo centenas de instituições universitárias católicas: 998 universidades e 211 institutos semelhantes, ou seja, escolas de perfil mais técnico, mas que concedem títulos universitários. Estima-se um total entre 3 e 4 milhões de estudantes matriculados. Eis a distribuição quantitativa dessas instituições por

continentes: a) América setentrional: 287; b) América Central: 21; c) América meridional: 155, das quais 47 no Brasil; d) Europa: 172; e) África: 25; f) Ásia: 533; g) Oceania: 16.

Com referência à América Latina, Andrea Galli destacava duas universidades, a saber: a Católica de Santiago e a PUC de Porto Alegre.

Eis o que ele escreveu a respeito:

O continente mais importante por impacto social e por prestígio dos ateneus é, de qualquer forma, o americano. No Chile, as universidades nascidas no seio da Igreja representam o melhor que pode oferecer o país em nível acadêmico; e a Pontifícia Universidade Católica de Santiago foi avaliada como a segunda melhor universidade latino-americana, conforme a prestigiosa classificação do *QS World University Rankings*, publicada no mês passado. No Brasil, caracterizado por crescimento econômico febril, a Universidade de Porto Alegre, de propriedade dos padres maristas, inaugurou em 2003 o TECNOPUC, um parque tecnológico de vanguarda na energia fotovoltaica e na informática (GALLI, 2011, p. 3).

No Brasil, a experiência da universidade católica começou em 1947 no Rio de Janeiro. De lá para cá nasceram muitas outras. Dentre elas destacam-se sete, que são também pontifícias (as PUCs): Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Campinas, Belo Horizonte, Curitiba e Goiânia. As universidades católicas pontifícias mantêm uma ligação ainda mais estreita com a autoridade central da Igreja por meio da Congregação para a Educação Católica. Entre as universidades católicas que não são pontifícias, pode-se lembrar, a título de exemplo, da Universidade Católica de Pernambuco (Recife-PE), de Salvador (BA), de Pelotas (RS), da Universidade Dom Bosco (Campo Grande-MS), da Unisantos (Santos-SP), da Unisinós (São Leopoldo-RS), da Universidade São Francisco (Bragança Paulista-SP), da Universidade Católica de Brasília (DF), da Universidade Sagrado Coração (Bauru-SP). Há também centros universitários católicos e faculdades católicas. Sempre a título de exemplo, há o Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal), o Centro Universitário São Camilo (São Paulo), o Centro Universitário do Leste de Minas

Gerais (Coronel Fabriciano-MG), as Faculdades Integradas Teresa D'Ávila (FATEA de Lorena-SP), a Faculdade Canção Nova (Cachoeira Paulista -SP), a Faculdade Católica do Ceará (Fortaleza-CE), a Faculdade Católica de Rondônia (Porto Velho-RO), a Faculdade Salesiana Dom Bosco (Manaus-AM).

Mas qual é a função da universidade católica? Quais são seus objetivos principais?

Em 15 de agosto de 1990, as universidades católicas conseguiram uma espécie de *Magna Charta* — a Constituição Apostólica *Ex corde Ecclesiae* — aprovada pelo Papa João Paulo II, para cuja redação contribuíram todas as universidades católicas do mundo, por meio de uma consulta que começou em 1986. Como todos os documentos oficiais da Igreja, esse também tem por título as primeiras palavras do texto latino: *Ex corde ecclesiae*, quer dizer, (nascida) do coração da Igreja.

A análise do primeiro número desse documento pode nos ajudar a responder às perguntas feitas acima. Eis o texto:

Nascida do coração da Igreja, a universidade católica insere-se no sulco da tradição que remonta à própria origem da universidade como instituição, e revelou-se sempre um centro incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade. Por sua vocação, a universidade se consagra à investigação, ao ensino e à formação dos estudantes livremente unidos com seus mestres no mesmo amor do saber. Ela compartilha, com todas as outras universidades, aquela “alegria a respeito da verdade”, tão a gosto de Santo Agostinho, isto é, a alegria de procurar a verdade, de descobri-la e de comunicá-la, em todos os campos do conhecimento. Sua tarefa privilegiada é unificar existencialmente, no trabalho intelectual, duas ordens de realidade que, não raro, tendem a se opor, como se fossem antitéticas: a investigação da verdade e a certeza de conhecer, já, a fonte da verdade.

Como se vê, o texto desse documento lembra, antes de tudo, a origem e a característica da universidade e, logo depois, indica a característica específica da universidade católica.

Existe, pois, um objetivo comum a todas as universidades, e outro específico da universidade católica. Todas as universidades, católicas ou não, têm o objetivo de servir à verdade, em todos os campos do

conhecimento. Como já foi comentado, o termo “universidade” indica uma totalidade: a procura e a comunicação da verdade em *todos* os campos do conhecimento.

Mas a universidade católica tem uma tarefa privilegiada, a saber: a procura de uma integração entre ciência e fé.

Ciência e fé pertencem a “duas ordens de realidade que, não raro, tendem a se opor”. E o texto indica o porquê dessa oposição: o *método* diferente. A ciência tem como método a investigação da verdade; a fé aceita uma mensagem que contém já pronta a verdade, aliás, “tem a certeza de já conhecer a fonte da verdade”.

Não há dúvida de que os métodos são bem diferentes. Existe, porém, para os cristãos, a seguinte convicção: Deus é a origem da natureza e, ao mesmo tempo, da revelação, manifestada particularmente em Jesus de Nazaré. O cientista, de um lado, estuda a manifestação de Deus na natureza, por meio da investigação racional, e o homem de fé (que pode também ser cientista) aceita, ao mesmo tempo, a outra revelação de Deus, que se realizou em Jesus Cristo. E Deus, origem de toda a realidade e totalmente perfeito, não pode contradizer-se.

Como consequência desta convicção, desde os primeiros séculos da sua história, houve na Igreja a preocupação de integrar a cultura e a fé. Assim, o apologista Justino, na primeira metade do século II d.C., desenvolveu a tese de que o *Logos* (= a sabedoria de Deus) estava presente em Moisés, nos filósofos pagãos e tinha-se encarnado em Cristo.

Hoje o desenvolvimento dessa mesma tese leva à procura de integração entre a ciência e a fé, que encontra na universidade católica seu lugar privilegiado.

A procura dessa integração, naturalmente, encontra seu espaço tanto na universidade católica como nas evangélicas, devido à comum matriz cristã.

Por esse motivo as IESs confessionais, na procura do bem-estar do ser humano integral, abrem um espaço para a formação humana, espiritual, religiosa e cristã, no pleno respeito das convicções filosóficas e religiosas de cada professor e de cada aluno. E um desses espaços é constituído pela disciplina de “cultura religiosa”, ou “antropologia

religiosa”, ou outras expressões semelhantes, que faz parte do *curriculum* dessas instituições.

Desde 1990 iniciei minha experiência como professor desta disciplina em diferentes IESs católicas. Procurei apresentar aos alunos a necessidade de uma educação integral e não apenas profissionalizante, sempre no pleno respeito da opção filosófica e religiosa de cada um deles e no clima de diálogo, necessário para realizar qualquer experiência educacional. Posso afirmar que este livro nasceu do diálogo com os alunos e com os professores.

O título *Antropologia: Religiões e Valores Cristãos* aponta para os temas analisados.

A abordagem *antropológica* (o interesse pelo homem), depois de refletir sobre vários níveis de conhecimento, apresenta as diferentes manifestações do ser humano e sua problemática, inclusive no desconhecido (para muitos) campo religioso. Trata-se aqui do homem que, enquanto *ser religioso*, busca o sentido da vida. Como confirmação disso, a história humana, em geral, e a história brasileira, em particular, nos colocam diante do fenômeno religioso, do qual se indicam os elementos principais das religiões sociologicamente mais importantes, com destaques para o cristianismo.

E diante dos homens que procuram uma civilização alternativa, não tecnicista, consumista e individualista, mas baseada nos grandes valores da vida, da verdade, da bondade, da beleza, da justiça, do amor, da solidariedade, é apresentada a riqueza de alguns *valores éticos*, com destaque à matriz cristã, que podem contribuir para construir um mundo novo, em solidariedade com todos os homens e mulheres que procuram a justiça e a solidariedade.

As reflexões que seguem não têm a pretensão de ser originais e muito menos exaustivas; procuram apenas apresentar os elementos fundamentais de alguns temas filosóficos, religiosos e éticos para suscitar o interesse sobre os mesmos e abrir a inteligência dos estudantes universitários à riqueza que a vida humana recebe quando valoriza o *ser* (antropologia), o *crer* (religiões) e o *agir* (valores éticos), envolvendo, na feliz expressão de Paulo VI, “o homem todo e todos os homens” (Encíclica *Populorum Progressio*, n. 42).